

# PRIMEIROS PLANOS URBANÍSTICOS DE PELOTAS E SUAS IDEIAS DE CIDADE: DO CÓDIGO DE CONSTRUÇÃO DE 1915 AO RELATÓRIO DE SANEAMENTO DE 1947.

**ROBERTA TABORDA SANTA CATHARINA<sup>1</sup>; CÉLIA HELENA CASTRO GONSALES<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rtscatharina@gmail.com](mailto:rtscatharina@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [celia.gonsales@gmail.com](mailto:celia.gonsales@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a sua origem, Pelotas/RS, é conduzida por planos urbanísticos que nortearam a direção da sua produção. Durante o seu desenvolvimento foram implantados regramentos que instituíram forma ao espaço da cidade, estas ordenanças propunham, além dos temas de água e esgoto, projetos de expansão embasados em teorias urbanas. O presente trabalho é um fragmento de uma investigação que estuda os planos diretores de Pelotas e os temas do urbanismo do séc. XX e busca, através das regras anteriores ao primeiro Plano Diretor de 1968, desta cidade, conhecer a história da forma urbana e suas transformações através desses antigos regramentos.

Em Pelotas os planos fundacionais - 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> loteamentos - indicavam um traçado reticular e determinavam um conjunto de ordenanças. Nas primeiras décadas do século XX, outros planos de loteamentos, também com traçados e ordenanças foram configurando, de maneira bastante fragmentada, a periferia da ocupação inicial.

Na segunda década do século XX, o poder público institui uma série de planos que instituem uma forma do espaço da cidade. Neste caminho, este trabalho busca descrever e analisar estes regramentos com a finalidade de perceber as mudanças que ocorreram ao longo do século XX na cidade e de compreender, a cima de tudo, as tendências e principais características da cidade encontrada pela equipe do primeiro plano diretor quando inicia o estudo de 1968.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Os planos urbanísticos de Pelotas foram elaborados em momentos diferentes de pensamentos no que diz respeito à cidade e ao seu desenvolvimento. Nesse caminho, os procedimentos foram estabelecidos através da necessidade de descobrir mais sobre essas elaborações dos planos e principalmente em revelar as teorias que estão por trás deles. Para alcançar esses objetivos, foram realizados primeiramente, estudos nas fontes primárias dos regramentos e das teorias urbanísticas, com a finalidade de destacar suas principais ideias. O estudo é feito através de análise de documentos, cartas e tratados urbanos referentes às épocas em que foram elaborados os planos. Em um segundo momento, foi realizada a revisão da bibliografia, na qual são desenvolvidas as leituras das fontes secundárias, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Estudos sobre as legislações, espaço urbano, elementos urbanos das cidades e o urbanismo moderno, são temas fundamentais que darão suporte para o desenvolvimento da investigação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, os primeiros planos elaborados enfatizam o saneamento, as vias, a beleza e a expansão da cidade, são os planos de embelezamento urbano. Esta

expressão sintetizou o planejamento de origem renascentista que enfatizava acima de tudo a beleza monumental. O período entre os anos de 1875 a 1930 representou uma época em que a “classe dominante brasileira tinha uma proposta urbana, que era apresentada com antecedência e debatida abertamente. Suas condições de hegemonia eram tais que lhe permitia fazê-lo”. Este momento pode ser dividido em dois: “de 1875 a 1906, ascensão dos planos de melhoramentos e embelezamento; e de 1906 a 1930, declínio dos planos de melhoramentos e embelezamento.” (VILLAÇA, 1999, p. 197).

O código de posturas referentes às construções e reconstruções é proposto, em 1915 (já no período de declínio dos planos de embelezamento), em Pelotas, por ocasião da instalação da rede de esgotos da cidade. Devido ao aumento da aglomeração em torno da área central, o código buscava a ideia de conforto, higiene e segurança com base nas grandes cidades modernas brasileiras São Paulo e Rio de Janeiro que modificaram seus tipos básicos e tolerâncias nas construções a fim de facilitar e melhorar a edificação em geral.

No Diário Popular de 20 de abril de 1924, foi publicado o memorial do projeto de ampliação da cidade, estudos de urbanismo e suas regras gerais, desenvolvido por Fernando Rullmann. Em tal publicação, a municipalidade declara que procurava um plano geral para a cidade, que previsse um desenvolvimento racional em harmonia com o progresso e o gosto moderno. Mas ao mesmo tempo, buscava evitar os projetos grandiosos e não destruir o caráter peculiar da cidade, mantendo o seu passado histórico e a sua fisionomia, respeitando, na área central, os antigos alinhamentos, apesar de em sua opinião ser uma opção monótona. É descrito no texto a inconveniência do traçado xadrez e que os arquitetos optam pelas ruas sinuosas que proporcionam beleza e satisfazem as exigências de perspectiva. (PELOTAS, 1924).

Fernando Rullmann, idealizador do Plano de Ampliação, era alemão, possivelmente influenciado pela teoria culturalista de Camillo Sitte, que inspirou uma geração de urbanistas. Sitte acreditava que a simetria de traçado, com casas regularmente alinhadas provoca um mau efeito e contribui para o isolamento de monumentos. Também inspirado por Sitte, Ebenezer Howard, expõe sua teoria da cidade-jardim em prática em Letchworth, a primeira Cidade-Jardim construída, em 1903. Deve-se lembrar que, as primeiras aplicações concretas no Brasil desse modelo de cidade são “os jardins” paulistanos a partir de 1918. (GONSALES, 1999).

Todas essas passagens no contexto urbano mundial podem ter refletido no Plano de Ampliação de Pelotas, já que apresenta um desenho de cidade com um sistema radial desenvolvido para as novas áreas. Consta no plano (PELOTAS, 1924, p.5) que o uso do “método irregular é muito adotado na Alemanha por especialistas contemporâneos”. SIMÕES JR. (2008), descreve alguns princípios sobre a urbanística germânica no período anterior a 1920, dentre eles alguns de caráter formal são muito semelhantes aos critérios adotados por Rullmann, como a escolha do traçado curvo e o alinhamento das fachadas e os efeitos visuais decorrentes deste alinhamento. Também destaca como princípio do urbanismo germânico o instrumento de zoneamento, em três categorias: a zona industrial, as zonas de negócios e de comércio e as zonas exclusivas para residências, presente no plano de ampliação.

SOARES (2001, p.11) chama a atenção para uma “coincidência histórica ou prova da difusão dos modelos urbanísticos”, pois no ano de 1927 o governo do Rio de Janeiro, então capital do país, contrata o urbanista francês Alfred Agache. O Plano Agache elaborado entre 1927 e 1930, dividia a área urbana carioca em

áreas funcionais. “Neste sentido, as propostas de planejamento urbano implementadas em Pelotas, precediam em alguns anos às idealizadas para a própria capital da república”.

Segundo VILLAÇA (1999), no Brasil, o urbanismo sanitário resume-se quase totalmente na obra de Francisco Rodrigues Saturnino de Brito. Na cidade de Pelotas, o engenheiro realizou, no ano de 1927, o relatório de saneamento, que visava o desenvolvimento e complemento dos serviços existentes de água e esgoto. Uma das primeiras propostas é em relação ao traçado da cidade. É indicada a abertura de ruas diagonais e ruas curvas nas áreas de expansão, com quarteirões alongados, estes estão presentes em alguns planos americanos e consolidados nas primeiras Siedlungen centro-européias.

Em 1930, a Lei nº 1 de 16 de setembro, institui o Código de Construções, que impõe regras de construção. Este regramento visava o desejo de que a cidade estivesse no mesmo patamar que outras cidades mais adiantadas do país, e dispõem de regras e advertências para a construção. Algumas dessas colaboram com o desenho final da forma urbana, porque dizem respeito ao desenho do conjunto edilício da cidade.

No mandato do prefeito Dr. Procopio Duval Gomes de Freitas, o Escritório Saturnino de Brito realizou o anteprojeto de saneamento, em 1947, visando os serviços de abastecimento de água e esgoto da cidade de Pelotas, que era uma revisão do Relatório de Saneamento de 1927 e do Código de Construções de 1930. O relatório de 1947 vinha tentar solucionar além dos problemas na área do abastecimento e esgoto, contornar irregularidades da formação da cidade. Identificava o crescimento para o Sul em direção ao porto, para o Norte onde surgiu o bairro da Luz, mas, principalmente, o crescimento se deu para o Oeste, ao longo da antiga estrada para Piratini. Algumas ruas foram preparadas para tráfego intenso, com o objetivo de ligar as zonas portuária e industrial às saídas da cidade. Os bairros populares foram planejados para formarem conjuntos com lotes com espaços para jardins e locais de serviços. Entre os fundos dos lotes foram deixadas vielas para passagem de coletores, serviço e pedestres.

No local do antigo Prado, foram projetados 6 quarteirões alongados, outra opção para este mesmo terreno é a organização de “um só quarteirão gramado e arborizado, e nele distribuir cerca de 36 edifícios de 3 andares, com 6 apartamentos”. Estes edifícios ficariam afastados, um dos outros e “teriam a melhor orientação para a insolação e o seu conjunto poderia apresentar um magnífico aspecto”. (PELOTAS, 1947, p.43).

#### **4. CONCLUSÕES**

Dezesseis anos depois do o Anteprojeto de Saneamento do escritório Saturnino de Brito, em 1963, é criado o Conselho do Plano Diretor e contratada uma equipe para trabalhar no próximo plano urbanístico de Pelotas, que seria aprovado em 1968. Portanto, com a descrição dos regramentos anteriores a esta data, podemos perceber que a cidade é aos poucos transformada, novas ideias vão sendo incorporadas: o caráter tradicional dá lugar à teoria da cidade-jardim, com alterações dos alinhamentos e formato dos quarteirões. Essas mudanças ocorrem principalmente nas áreas de expansão, ficando o centro, a área dos primeiros loteamentos, praticamente preservada quanto ao seu traçado original. Em algumas ordenanças chega a estar exposto a importância dessas características, com o intuito de manter o passado histórico e a sua fisionomia, acrescentando ideais de outros tempos, da mesma maneira que nos explica

ROSSI (1995, p. 57) “a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade.”

Também, nos é apresentado através dos regramentos, a procura por parte da municipalidade, de estudos que visassem o ideal moderno que estava sendo proposto em grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, observada pela contratação de profissionais de outras localidades, como o arquiteto Fernando Rullmann e o engenheiro Saturnino de Brito, que implementaram na cidade tratamentos e pensamentos diferenciados do que vinha sendo executado na região. Como as críticas ao traçado regular, que muitas vezes foi apontado como monótono e as propostas de expansão baseadas na classificação de zonas comerciais, residenciais e industriais.

Logo, vemos que esses regramentos, resultado em grande parte da adaptação de teorias urbanas, ou seja, do diálogo de teorias mais universais com as contingências locais, foram de fundamental importância para a configuração da cidade que o Plano Diretor de 1968 vai encontrar. É com essa cidade, que a aplicação, em parte bastante “radical”, do urbanismo moderno e da Carta de Atenas, representada nesse plano, terá que dialogar. É a partir dessa realidade, levantada através de longos relatórios iniciais, do estudo desse devir urbano de mais de um século e meio, que a equipe encontrará um caminho de aplicação o mais realista possível, dos novos ideais urbanísticos difundidos na segunda metade do século XX.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

### Capítulo de livro

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEAK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1999. p. 169-243.

### Tese/Dissertação/Monografia

GONSALES, Célia Helena Castro. **Racionalidade e contingência na arquitetura de Rino Levi**. Estudo da obra de Rino Levi com ênfase na verificação do diálogo normativo-especial no processo de projeto. 1999. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Del proyecto urbano a la producción del espacio: morfología urbana de la ciudad de Pelotas, Brasil (1812-2000)**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Geografia e História. Universidade de Barcelona, Barcelona.

### Documentos eletrônicos

SIMÕES JR., José Geraldo. A urbanística germânica (1870-1914). Internacionalização de uma prática e referência para o urbanismo brasileiro (1). **Arquitextos Vitruvius**, jun 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.097/134>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

### Planos

PELOTAS. Plano de Ampliação. **Diário Popular**. Pelotas: 20 Abr. 1924.

\_\_\_\_\_. **Saneamento de Pelotas – Novos estudos**. Elaborado pelo Escritório Saturnino de Brito. Pelotas: Prefeitura Municipal, 1947.